

## **Considerações, a partir de uma perspectiva junguiana, sobre os sintomas de adoecimento de crianças e adolescentes no ambiente escolar<sup>1</sup>**

Andréa Alencar<sup>2</sup>

Muito já foi dito e é discutido sobre o assunto escola e educação, no Brasil, contudo, justamente pela importância desta instituição na formação do indivíduo e, conseqüentemente, na formação da própria sociedade, torna-se relevante ampliar o tema e trazer à luz novas abordagens. Este texto estabelece, assim, uma tentativa de ampliar o debate sobre problemas antigos que, apesar de toda a discussão, continuam a se perpetuar na escola, especialmente no Brasil. O questionamento que será levantado irá girar em torno de que ao desprezar as necessidades específicas de cada indivíduo, para a aquisição de conhecimento e ampliação da sua rede de experiências, a escola acaba por contribuir com o desenvolvimento de sintomas psíquicos e também físicos de adoecimento, como resposta individual e inconsciente à insatisfação e impossibilidade de realização.

As principais referências para a discussão aqui proposta serão, principalmente, as obras de Jung, quando abordam as questões que envolvem a caracterização daquilo que nos torna únicos, e ao mesmo tempo pertencentes a um todo. O referencial teórico será utilizado para confirmar a necessidade de mudança da postura escolar diante do indivíduo, saindo de uma postura monocromática para uma postura que leve em consideração o educando de forma integral, com seus anseios e principalmente como um ser que já traz consigo um conhecimento, adquirido por intermédio da família e do mundo que o cerca.

Para compreender a importância do pensamento junguiano, vale trazer aqui, associando aos seus conceitos, um pouco da fundação da escola no Brasil: Esta surge com a função de catequizar os índios e inseri-los em uma sociedade cristã, do colonizador, que tinha como objetivo levar o índio a abandonar suas crenças e aceitar o papel que lhe cabia nesse novo país “civilizado”. O índio nativo brasileiro tinha duas opções, aceitar a catequização e negar sua essência, ou morrer. A escolha estava entre o etnocídio e o genocídio. Portanto, desde o seu nascimento a educação no

---

<sup>1</sup> Texto adaptado de monografia apresentada ao IJEP (Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa)

<sup>2</sup> Professora, especialista em gramática e texto, psicoterapeuta junguiana, Msc Intervenção psicológica no desenvolvimento e na educação, responsável pelo CEJAA (Centro de estudos Junguianos Análise e Arteterapia)

Brasil buscava afastar o indivíduo daquilo que lhe era inerente, o que causou e continua causando grande frustração e inadaptação.

Ao pensarmos na escola atual, especialmente a escola pública no Brasil, é possível afirmar que muitas vezes continua-se reproduzindo os modelos de catequização. A criança que chega a escola vê sua cultura, falares e tradições serem desprezados e desvalorizados, aprende desde cedo que o bom é o que vem do outro, do branco europeu, isso sem falar no desprezo que é dado a influência cultural africana, o que por si só já geraria uma enorme discussão.

O conceito junguiano de inconsciente coletivo e pessoal pode demonstrar o quanto a fundação, e conseqüente perpetuação desse modelo escolar de catequização, influencia até hoje nos problemas enfrentados pela educação no país. O inconsciente é o elemento inicial do qual brota a condição consciente, possui uma área imensa e sempre contínua, enquanto a área da consciência é um campo restrito da visão momentânea (2015, pág. 6). Ou seja, assim como o nosso corpo recebe hereditariamente várias características do passado mais distante, assim também acontece com a nossa psique.

Portanto, diante da história da colonização brasileira, o nosso inconsciente coletivo de nação, está inundado de informações de uma educação castradora que prezou pela transformação do indivíduo em algo que ele não era. Ao entrar em uma instituição escolar a criança e/ou adolescente, trazem inconscientemente uma desconfiança, um desconforto, já que lá, no mais recôndito do seu ser, herdado de seus ancestrais, está a mensagem de que ele terá que abandonar algo seu, pessoal e intrínseco ao seu ser, em prol da sobrevivência e da adaptação.

Sendo assim, ao chegar na escola essa criança ou adolescente não chega uma tábula rasa, na qual será possível escrever a história que a escola desejar, pelo contrário, o estudante em seu primeiro contato com a instituição traz as experiências dos seus antepassados, do seu grupo familiar e as que vem construindo e armazenando desde que foi concebido.

Apesar de os tempos serem outros e a escola no Brasil também ter mudado, essa continua desconsiderando a bagagem psíquica do aluno e repete modelos que afastam crianças e adolescentes das suas aptidões natas, em prol do desenvolvimento de um conhecimento voltado apenas para as questões racionais, de

forma que acentue as qualidades coletivas, em detrimento das individuais, valorando, na maioria das vezes, apenas um tipo de grupo social, ou seja, continua repetindo o modelo de catequização. Valorizar apenas o coletivo, em detrimento do individual se opõe ao conceito de individuação, processo contínuo na vida do ser humano que, segundo Jung, é a capacidade que todo indivíduo tem, por meio do caminho de diferenciação, separação e integração, de sair da uniformidade rasa e alienante da *normose* coletiva, em direção e em busca simultânea de profundidade e expansão evolutiva (2015, p. 63).

Sendo assim, estimular a fruição desse processo deveria ser o objetivo principal da instituição que se propõe a formar indivíduos, contudo o que se percebe é o contrário, a escola busca, desde o início, educar para a aceitação de um único padrão, de um padrão coletivo pré-definido, o que gera o desconforto e a inadaptação de um número cada vez maior de crianças e adolescentes. Ou seja, algo não vai bem na instituição que deveria ser o lugar da disseminação do conhecimento e da ampliação da criatividade. Jung afirma que,

A sociedade acentuando automaticamente as qualidades coletivas de seus indivíduos representativos, premia a mediocridade e tudo que se dispõe a vegetar em um caminho fácil e irresponsável. É inevitável que todo elemento individual seja encostado na parede. Tal processo se inicia na escola, continua na universidade e é dominante em todos os setores dirigidos pelo Estado. (...) Sem liberdade não pode haver moralidade. A admiração que sentimos diante das grandes organizações vacila quando nos inteiramos do outro lado de tais maravilhas: O tremendo acúmulo e intensificação de tudo que é primitivo no homem, além da inconfessável destruição da sua individualidade, em proveito do monstro que é toda grande organização. (JUNG, 2014, p. 41, 42)

Como grande organização, a escola vem inserindo os discentes em intermináveis estruturas que prezam apenas o coletivo, em detrimento do individual. Além disso, padroniza e encaixota o conhecimento como algo inacessível a determinado grupo social. É evidente, portanto, que os modelos da escola tradicional brasileira, hoje, reforçam ainda mais a lembrança inconsciente da criança e do adolescente, que se ressentem ao perceber que estão ali para serem transformados em algo, que não eles mesmos. Isso se agrava pela constante diferença social vivida pelo povo no Brasil, já que boa parte das crianças e adolescentes que frequentam as

escolas, especialmente as públicas, não são considerados como seres que já trazem uma bagagem cultural. Sendo assim, a instituição escola carrega ou reforça o fardo de ter sido criada para catequizar, o que inconscientemente é imediatamente percebido pelo aluno que, de certa forma, traz à consciência que precisa negar a si mesmo para receber o aprendizado prometido.

Por outro lado, socialmente, a escola também significa o rito de passagem que crianças e adolescentes precisam viver para se tornarem parte ativa e importante do grupo de prestígio de sua sociedade. Essa necessidade está na consciência, e sendo esta como uma superfície ou película que cobre a vasta área inconsciente, e considerando que a consciência se renova diariamente e é sobretudo o produto da percepção e orientação no mundo externo, a constante repetição de falas dos adultos como, “se não estudar não vai ser nada na vida”, “dedique-se aos estudos e alcançará um lugar ao sol”, “quer ser gente, estude ou puxe uma carroça como o burro”, dentre outras, faz com que inconscientemente a criança entre na escola com os olhos brilhando, atrás do conhecimento prometido e que a tornará uma parte importante do grupo ao qual pertence. Contudo, logo ela traz à consciência o verdadeiro objetivo da instituição que é o de torná-la mais uma parte, repetidora e muito provavelmente bem pouco importante em seu grupo. Sendo assim, a insatisfação diante da decepção de não estar recebendo aquilo que esperava, começa a se manifestar em reações físicas e psicológicas, porque a sua desconfiança, àquela escondida no seu inconsciente acaba por começar a incomodar.

Diante de tudo que foi dito, é possível afirmar que a relação aluno e escola no Brasil não começou bem e continua indo mal. O que será apresentado aqui como evidência é o crescente aumento no número de casos de TDAH e suicídio, dentre outros problemas, apresentados por crianças e adolescentes no ambiente escolar. Para ilustrar a afirmação do quanto é necessário observar com um olhar mais atento a inadaptação de crianças e adolescentes à instituição escolar no Brasil, basta trazer os dados publicados sobre o aumento do uso de ritalina, medicamento utilizado para o tratamento do TDAH, no Brasil.

Em dez anos, a importação e a produção de metilfenidato - mais conhecido como Ritalina, um de seus nomes comerciais - cresceu 373% no País. A maior disponibilidade do medicamento no mercado nacional impulsionou um aumento de 775% no consumo da droga,

usada no tratamento do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Os dados são de pesquisa do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). (Em O Estado de S. Paulo, 11 de agosto 2014)

O aumento da medicação, no entanto, não resolve o problema, pois ao invés de diminuir os casos, o que vemos é o aumento desenfreado, não só do TDAH, mas também da agressividade, da depressão e do transtorno bipolar em crianças e adolescentes em idade escolar, além é claro das enormes “dificuldades de aprendizagem” relacionadas atualmente, nas mais diversas áreas do conhecimento exercitadas na escola. Portanto, não é possível descartar a influência da instituição nesses sintomas, já que a maioria deles influencia diretamente o rendimento escolar.

Ao levar em consideração que um dos fenômenos que surgem para possibilitar a mudança do estado de consciência para que o indivíduo possa mudar seu estágio evolutivo são as crises, é possível conjecturar que sintomas físicos, psíquicos, relacionais, assim como também o reagir de forma agressiva, apresentar problemas de aprendizagem, dentre outros sintomas, pode ser reflexo da inadaptação a modelos escolares que desprezam, dentre outros conceitos, o de tipos psicológicos. Por mais de vinte anos, Jung observou que os indivíduos apresentam características únicas e separou essas características em oito, o introvertido, extrovertido que pode ser intuitivo, sensação, pensamento, sentimento.

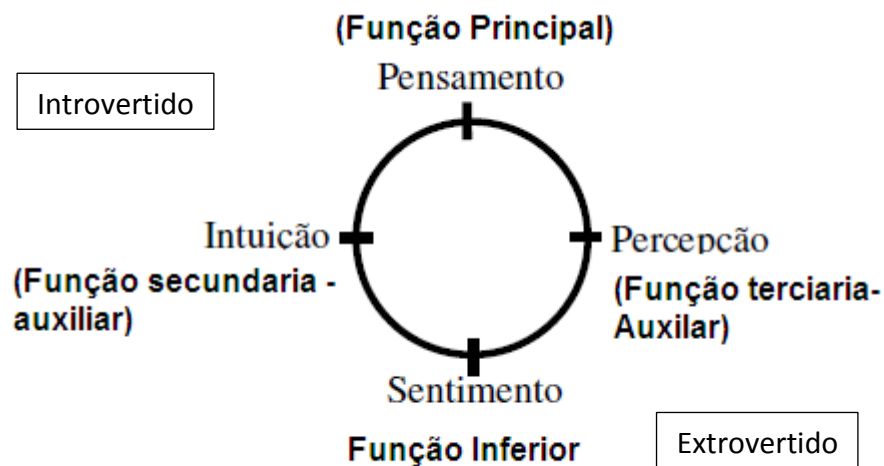
Ou seja, os tipos se apresentam em Sensação Extrovertida que terá como função opositora a Intuição Introvertida e vice-versa, o mesmo ocorrendo com a função Pensamento e Sentimento que serão opostas, em introversão ou extroversão. De acordo com a psicologia junguiana, essas funções definem a forma como o mundo será experimentado pelo indivíduo, a partir do foco da sua função predominante, já que um tipo pensamento experimentaria o mundo de forma oposta ao que seria experimentado pelo tipo sentimento, por exemplo.

Para exemplificar, é possível trazer a referência de Marie Louise von Franz (2016) ao defender que não se deve precipitar um tipo pensativo, por exemplo, para a função sentimento imediatamente, porque possivelmente isso causaria danos graves, pois o indivíduo perderia os campos onde se apoiar. Portanto ao considerar apenas um tipo psicológico, a escola prejudica os outros indivíduos que podem inclusive retrair-se e assumir uma persona, (maneira de uma pessoa se apresentar ao

mundo e à sociedade), que exija muito esforço para ser constituída e que, certamente, irá gerar reações e desconfortos futuros, como afirma Jung (2015, p. 83,84) que “Naturalmente, quem constrói uma persona boa demais, sofrerá crises de irritabilidade.”

Apenas para ilustrar e facilitar a compreensão, segue a figura com as tipologias definidas por Jung. Nos quatro polos principais do círculo, a função principal; em oposição, a função inferior; nas laterais, as funções auxiliares.

Figura 1 - Tipos psicológicos



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=tipos+psicol>

O que se propõe não é que o professor identifique o tipo psicológico de cada aluno, isso seria uma tarefa hercúlea e certamente inviável, mas que ele leve em consideração os tipos apresentados por Jung, dentre outros conceitos, na hora da elaboração e execução de suas aulas. Isso proporcionaria o respeito a individualidade do aluno, o ajudando a lidar com a sua função inferior, evitando assim que ele entre em conflito e conseqüentemente desenvolva reações de proteção que o impeçam de se desenvolver satisfatoriamente ou, até mesmo, tenha reações psicossomáticas ao tentar se enquadrar a modelos pré-estabelecidos.

A psicossomática é uma ciência interdisciplinar que gera diversas especialidades da medicina e da psicologia, surgiu para estudar os efeitos de fatores sociais e psicológicos sobre processos orgânicos do corpo e sobre o bem-estar das pessoas. Sendo assim, considerando que a instituição escolar, em processo de interação com os indivíduos que a ela pertencem, é capaz de gerar ações e reações, certamente ela produzirá efeitos sociais e psicológicos nos indivíduos que a integram. Ou seja, a escola poderá influenciar no aparecimento de sintomas psicossomáticos, nos discentes e também docentes.

É possível considerar ainda que a escola prima sempre por reprimir o que considera negativo, o que geralmente leva ao surgimento dos “lados sombrios”. Jung (2014 p. 37) afirma que “As pessoas, quando educadas para enxergarem claramente o lado sombrio de sua própria natureza, aprendem ao mesmo tempo a compreender e amar seus semelhantes; pelo menos, assim se espera.” Ou seja, novamente temos a associação de que a efetiva consideração do conceito junguiano ajudaria a transformar uma educação repressora e com censuras a temáticas polêmicas, em uma educação que possibilite a ampliação do conhecimento pessoal, o que resultaria em uma convivência social mais harmoniosa.

Em geral o indivíduo é de tal modo inconsciente que não percebe suas próprias possibilidades de decisão. Em vez disso, ele se envolve numa busca constante e ansiosa de regras e regulamentos externos que possam orientá-lo na sua perplexidade. Além da inadequação humana geral, grande parte da culpa por esse estado cabe à educação, que promulga as velhas generalizações e nada informa sobre os segredos da experiência pessoal.

Assim, fazem-se todos os esforços para ensinar crenças ou condutas idealísticas que o indivíduo conhece no seu coração, mas às quais não consegue corresponder, E esses ideais são pregados por autoridades que sabem que elas próprias nunca corresponderam a esses altos padrões nem jamais o farão. E o que é mais, o valor desse tipo de ensinamento nunca é questionado.

Portanto, a pessoa que deseja ter uma resposta para o problema do mal, conforme ele se apresenta hoje, necessita, em primeiro lugar, de autoconhecimento, ou seja, do conhecimento mais absoluto possível da sua própria totalidade. Precisa saber a fundo quanto bem pode fazer e de quantos crimes é capaz, e deve evitar encarar um como real e o outro como ilusório. Ambos são elementos da sua natureza e ambos estão destinados a vir à luz nele, se ele desejar — como deveria — viver sem enganar ou iludir a si mesmo. (JUNG, 2008, pág. 192)

A sombra é tudo aquilo que o indivíduo quer esconder, uma parte sua carregada de culpa, vergonha, fraquezas, mas é também uma parte integrante da pessoa que apresenta muitas qualidades e dons natos que não se desenvolvem, devido a condições externas desfavoráveis e não propícias. Por exemplo, quando um aluno desenha, dança, canta e se expressa de forma não valorizada pelo ambiente escolar, já que na maioria das vezes, a escola prima por valorizar, apenas o pensamento linguístico e lógico-matemático. Nesses casos, a expressão nata do aluno é desviada pelo ego e enviada ao inconsciente e passará a fazer parte da sombra, pois

Todos os sentimentos e capacidades que são rejeitados pelo ego e exilados na sombra contribuem para o poder oculto do lado escuro da natureza humana. No entanto, nem todos eles são aquilo que se considera traços negativos. De acordo com a analista junguiana Liliane Frey-Rohn, esse escuro tesouro inclui a nossa porção infantil, nossos apegos emocionais e sintomas neuróticos bem como nossos talentos e dons não-desenvolvidos. A sombra, diz ela, "mantém contato com as profundezas perdidas da alma, com a vida e a vitalidade — o superior, o universalmente humano, sim, mesmo o criativo pode ser percebido ali. (ZWEIG & ABRAMS, 2008, pág. 6)

A efetiva consideração e diálogo aberto para a discussão de temáticas consideradas polêmicas ou inadequadas, que muitas vezes são reprimidas pela escola, facilitaria a ampliação do conhecimento pessoal e não o contrário, o que faria com que alunos pudessem reconhecer seus lados sombrios, sem culpa. Por exemplo com a discussão sobre o bem e o mal representado nos contos de fadas, na leitura e análise de obras literárias que apresentem a possibilidade de discussão sobre as condutas humanas. A análise e discussão das artes e da filosofia geralmente possibilitam a ampliação da visão de mundo e conseqüentemente das inúmeras possibilidades do “bem” e do “mal” na ação humana ao longo dos tempos.

Para confirmar isso, basta analisar a nova proposta para a educação no Brasil, apresentada pela Base Nacional Comum, proposta pelo Ministério da Educação e Cultura (acesso a, 2018) que tem como foco um ensino de competências, voltado apenas para o conhecimento linguístico e lógico-matemático. Contudo, a questão é, como será possível ensinar competências sem oportunizar a reflexão sobre a vida, sobre a história do ser humano, suas conquistas e derrotas, sobre o belo, o grotesco etc.? Temas estes, não contemplados pela nova proposta, mas que também já não



eram devidamente contemplados pela anterior, pois basta analisar a carga horária que era dedicada a disciplinas como Artes, Filosofia, Educação Física, História, em comparação com Matemática e Língua Portuguesa, para identificar o quanto a escola no Brasil, enquanto instituição, descarta a pluralidade e características individuais do seu educando.

Realizar uma educação que possa considerar o indivíduo como um todo, certamente não é tarefa fácil, contudo é preciso pensar hoje, agora, em uma escola que ao menos reflita sobre essa mudança de pensamento. Afinal não são apenas os conceitos junguianos que defendem essa possibilidade, segundo Howard Gardner (1995, p. 17), por exemplo,

Nós agora temos os recursos tecnológicos e humanos para implementar essa escola centrada no indivíduo. Conseguir-la é uma questão de vontade, incluindo a vontade de resistir às enormes pressões atuais para a uniformidade e para as avaliações unidimensionais.

Portanto, ou a instituição escolar admite a necessidade de mudança da postura acadêmica diante do indivíduo, passando a considerá-lo de forma integral, com seus anseios e principalmente como um ser que traz, além de uma “bagagem” própria, uma missão a cumprir, ou passa a conviver, cada vez mais, com os sintomas de adoecimento. Sintomas esses, que surgirão cada vez mais significativos, o que já vem sendo apresentado pelas recorrentes ocorrências de diagnósticos de TDAH e eventos de suicídio entre crianças e adolescentes em idade escolar.

## A escola e os sintomas de adoecimento

“A alma respira através do corpo, e o sofrimento, quer comece no corpo ou numa imagem mental, acontece na carne.”

António Damásio

Neste capítulo será fomentada uma discussão sobre a influência do ambiente escolar em dois dos sintomas de adoecimento recorrentes atualmente entre crianças e adolescentes, o TDAH e o suicídio. É preciso deixar claro que não será proposta aqui uma avaliação de dados ou estatísticas sobre o número de crianças e adolescentes que apresentam esses sintomas, até porque outros fatores, além dos muros da escola poderiam influenciar esses dados e dependeria de uma pesquisa de campo, o que não é a proposta aqui. O que será apresentado, portanto, serão acontecimentos discutidos na mídia, dados disponibilizados em sites de educação, dentre outros que apresentem situações sobre suicídio e TDAH nas instituições de ensino, relacionados especificamente aos discentes.

É sabido que a instituição escolar e toda a sociedade, quando mencionam o tema aprendizagem, valorizam apenas a importância da aquisição de conhecimentos conceituais e também de comportamentos pré-estabelecidos como importantes e fundamentais para a inserção do indivíduo em seu grupo, contudo, de acordo com Jung,

O que importa não é o grau de saber com que a criança termina a escola, mas se a escola conseguiu ou não libertar o jovem ser humano de sua identidade com a família e torná-lo consciente de si próprio. Sem essa consciência de si mesmo, a pessoa jamais saberá o que deseja de verdade, mas continuará sempre na dependência da família e apenas procurará imitar os outros, experimentando o sentimento de estar sendo desconhecida e oprimida pelos outros. (JUNG, 2013, p. 65)

Portanto, ao primar apenas por descobrir o porquê de crianças e adolescentes não estarem aprendendo adequadamente, de acordo com os padrões escolares, a

escola esquece do principal, que é o olhar para o indivíduo e tentar compreender, analisar, “ler” o texto que está diante de si, ver o que está sendo dito pela criança e adolescente que está apresentando determinado sintoma. Essa observação mais atenta, certamente, possibilitaria a adoção de práticas pedagógicas que contribuiriam, de forma mais eficiente, com o desenvolvimento do indivíduo em direção ao autoconhecimento e a independência.

### O TDAH, algo mais do que apenas um transtorno

Para iniciar uma discussão sobre o sintoma TDAH, torna-se necessária uma breve explicação sobre o que é determinado como esse transtorno: Apesar de atrapalhar a aprendizagem e a convivência na escola, o TDAH não é considerado um transtorno de aprendizagem, mas antes um transtorno de comportamento que, certamente, interfere prejudicialmente na aprendizagem e se caracteriza pela desatenção, hiperatividade e impulsividade. Segundo especialistas no tema, a criança com TDAH geralmente esquece com facilidade as tarefas e as obrigações que precisa cumprir, não consegue se concentrar nas aulas e é irrequieta, ou seja, não consegue ficar sentada, “prestando atenção”, o que é exigido pela escola. Contudo, é consenso, até mesmo entre os estudiosos do Transtorno, que quando a criança se dedica a algo que é realmente do seu interesse, consegue permanecer tranquila e atenta. (Em: Revista Sinpro-Rio, n. 5, 2010, pp. 35-42).

Ressalto ainda que o TDAH tem sido amplamente discutido pelas mídias e várias pesquisas científicas vêm sendo realizadas identificando-o como uma das doenças psiquiátricas mais diagnosticadas em crianças e adolescentes na atualidade, com prevalência calculada em 5% da população infanto-juvenil, de acordo com Rachel Costa (acesso b, 2016) que destaca ainda em seu artigo a fala de uma pediatra sobre o assunto,

Desde sua catalogação, o TDAH nunca foi ponto pacífico, em especial entre psiquiatras e psicólogos. Na campanha “Não à medicalização da vida”, defende-se que o TDAH não passa de resultado do estilo de vida contemporâneo. “Estamos contestando que se afirme tranquilamente que é uma doença, ignorando que ela ainda não foi cientificamente comprovada”, diz a médica Maria Aparecida Moyses,

do Departamento de Pediatria da Universidade Estadual de Campinas e uma das criadoras do manifesto do CFP.

Sendo assim, ainda não existe consenso, nem mesmo entre os especialistas, sobre as evidências da necessidade de medicação ou mesmo se o transtorno é de fato um transtorno ou apenas a resposta a um estilo de vida que não atende mais aos anseios de formação de uma sociedade em conflito. Contudo, neste trabalho não será feita uma defesa da não medicalização ou de que o TDAH não existe, mas antes que assim como qualquer outro sintoma, este deve ser analisado e avaliado levando em consideração que sua presença pode estar apontando para algo, além do simples diagnóstico e da medicalização, que muito provavelmente sozinha, irá apenas mascarar o sintoma.

Vislumbrados o panorama e excesso de diagnósticos de TDAH nas crianças e adolescentes, vale ressaltar que em nenhuma das referências citadas existe uma preocupação com a possibilidade de se estar, além do diagnóstico errado; não é vislumbrada uma postura equivocada das metodologias de ensino que podem acabar levando a sintomas de adoecimento, pois TDAH ou não, o fato é que as crianças e adolescentes estão apresentando sintomas de que não conseguem mais estar, de forma saudável, no ambiente escolar. Somente isso já deveria ser um ponto de atenção e observação de que algo vai mal e este ir mal não está apenas no diagnóstico errado.

Não é descartada aqui a influência da família já que Jung (2013, p. 62) afirma que “(...) as perturbações nervosas e psíquicas infantis, até muito além da idade escolar, por assim dizer, se devem exclusivamente a perturbações na esfera psíquica dos pais.”, contudo, não é possível descartar que a escola faz parte de grande ansiedade e projeção dos pais sobre os filhos. A maioria das famílias simplesmente opta por medicar os filhos, pois esses pais almejam, antes de tudo, o sucesso acadêmico que garantiria o sucesso nas conquistas profissionais e, conseqüentemente, econômicas. Portanto, medicar é mais fácil do que analisar o que de fato está ocorrendo com a criança, já que na maioria dos casos a criança “sossegará” com o remédio e assim atenderá as expectativas sociais.

As salas de aula, em sua grande maioria, continuam reproduzindo modelos ultrapassados que refletem a falta de interesse nas mudanças intelectuais e biológicas

da criança e do adolescente do século XXI. A escola continua com um modelo catequizador, bancário que exige a negação da criatividade, da curiosidade, da apreciação do belo e do grotesco, da descoberta do corpo livre e da conexão com a natureza. A criança ou adolescente não consegue se concentrar nas aulas, não consegue atender a demanda de ficar por seis horas, ou até mais no caso do Ensino Médio, em aulas teóricas formuladas, em sua grande maioria, para atender apenas ao tipo psicológico pensamento, e que exige a negação constante da sombra. Ao tentar se enquadrar, a criança e o adolescente iniciam a apresentar os sintomas de adoecimento, neste caso específico, o muitas vezes diagnosticado, TDAH.

A manifestação é de sofrimento, o indivíduo sofre por não atender a demanda da escola, da sociedade e da família, especialmente porque acaba por ser rotulado como o que não se encaixa, o que foge ao padrão e a opção para que ele volte a se enquadrar é a medicação. O que faz com que essa criança e adolescente neguem a si mesmo em prol de atender a demanda de uma sociedade que exige desempenho, performance exemplar e comportamento “correto”, para que assim possa ser aceita e integrada as demandas do grupo.

Então, esse aluno é ensinado desde cedo a distanciar-se do seu processo de individuação, a escola ao invés de proporcionar um ambiente favorável ao autoconhecimento, acaba por ensinar que o ideal é atender aos interesses da sociedade, negar a sombra, ser produtivo, competitivo, mas também passivo, ou seja, a instituição escolar ensina este aluno a distanciar-se e muitas vezes, até mesmo, a negar o si mesmo.

De modo geral, admite-se que a função da etapa que antecede a idade adulta (infância e adolescência) envolve o desenvolvimento do ego, com separação progressiva entre o ego e o *Self*. De acordo com a psicologia junguiana, o ego representa o centro da consciência, é aquele que organiza nossos pensamentos, sentimentos, sentidos, intuição e controla a nossa memória decidindo o que fica na consciência e o que deve ir para o inconsciente. A escola será responsável, portanto, querendo ou não, por boa parte dessa formação, já que o ego é a consciência que o indivíduo tem de si e que vai construindo ao longo da vida, a partir das experiências pelas quais passa e reage no seu contexto social. Levando isso em consideração, não seria equivocado afirmar que um ego bem constituído terá influência direta da instituição escolar.

De acordo com a psicologia junguiana, o ego é um complexo, o complexo do Eu, da identidade de cada um, construída ao longo da vida. Segundo Jung (2013, p. 34), "(...) centro de continuidade da consciência cuja presença se faz sentir desde os primeiros tempos da infância." Apesar de sua importância, o ego não é o único complexo que habita o indivíduo, outros vão também se constituindo ao longo da história de cada um, de acordo com as experiências vividas, sejam elas positivas ou negativas. É possível conjecturar que ao adoecer, apresentar um sintoma de adoecimento, por exemplo, o que está ocorrendo é a constelação de um ou mais complexos que em conflito querem se sobrepor ao ego, na maioria das vezes de forma totalmente inconsciente. O indivíduo é tomado pelo complexo.

Sendo assim, se a escola prima pela competição, pela negação da sombra e pela representação de papéis sociais que só são considerados adequados quando representam os modelos sociais pré-estabelecidos, e entendendo que o relacionamento ego-*Self* é contínuo, o que quer dizer que o ego domina a consciência, mas que o *Self* é a totalidade, quando este identifica que algo vai mal e que a negação do si mesmo está comprometendo o processo de individuação, surge o chamado do *Self* para que o indivíduo retorne ao seu caminho.

Como o ego ainda está em formação na criança e no adolescente, o *Self* apresenta os sintomas como chamado e reação à padronização a qual a criança é submetida. Segundo Jung (2014, pág. 32), "O excesso de animalidade deforma o homem cultural, o excesso de cultura cria animais doentes.". Ao entendermos aqui que a escola prima por impor suas regras, cultura, ao discente sem respeitar sua bagagem cultural, seus instintos e individualidade, fica claro que a resposta, reação, virá em forma de sintoma, TDAH ou qualquer outro como agressividade e depressão.

Seja TDAH ou não, o que é relevante é que o sintoma apresentado é uma possibilidade de rever e avaliar o que está, de fato, ocorrendo com o discente, que acaba por manifestar sua impossibilidade de lidar com uma escola que o afasta do seu caminho individual, e lhe nega aquilo que deveria lhe oferecer, a aprendizagem e a possibilidade de ampliação do autoconhecimento. Os sintomas de adoecimento antes de serem rotulados deveriam ser analisados como possibilidade de mudança e avaliação também da instituição, enquanto aquela que se propõe a formar o indivíduo.

Para concluir a discussão vale trazer a fala da pediatra Maria Aparecida Affonso Moysés, professora titular do Departamento de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, ao afirmar que,

Quem está sendo medicado são as crianças questionadoras, que não se submetem facilmente às regras, e aquelas que sonham, têm fantasias, utopias e que 'viajam'. Com isso, o que está se abortando? São os questionamentos e as utopias. Só vivemos hoje num mundo diferente de mil anos atrás porque muita gente questionou, sonhou e lutou por um mundo diferente e pelas utopias. Estamos dificultando, senão impedindo, a construção de futuros diferentes e mundos diferentes. E isso é terrível. (Em: acesso c, 2018)

Portanto, as crianças e adolescentes ao buscarem estar no mundo, questioná-lo e entender o seu papel na sociedade, ao expressarem sua criatividade e ao sonharem com um mundo diferente, uma escola diferente que as acolha e as ajude a seguir o caminho para o qual foram destinadas, são tolhidas e medicadas para atender a um padrão de sociedade que já não tolera mais a diversidade, a criatividade, a espontaneidade infantil, uma sociedade que exige restaurantes sem crianças, hotéis sem crianças, voos sem crianças e escolas com robôs, ao invés de crianças. Contudo, é esquecido que com isso o que se ganha é uma sociedade sem futuro, padronizada, estanque e doente.

#### O sintoma extremo do adoecimento na instituição escolar

Amanheci em cólera. Não, não, o mundo não me agrada. A maioria das pessoas estão mortas e não sabem, ou estão vivas com charlatanismo. E o amor, em vez de dar, exige. E quem gosta de nós quer que sejamos alguma coisa de que eles precisam.

Clarice Lispector

Outro ponto relevante a ser discutido é a educação enquanto um negócio lucrativo e, sendo um negócio que visa acima de qualquer coisa o lucro, ela se tornou impessoal, o aluno passou a ser apenas mais um número a ser contabilizado e como número ele deve corresponder às expectativas do negócio, ou seja, apresentar bom

desempenho, comportar-se adequadamente e se tornar o produto “perfeito” a ser oferecido aos pais e a sociedade. Pode parecer forte, mas sim, o aluno é hoje um produto das escolas que preparam para um exame que, de acordo com a propaganda, definirá a vida acadêmica e profissional do indivíduo. Isso se deve principalmente ao fato de que as famílias buscam as escolas de melhor desempenho e resultados nos exames e esquecem do principal, a formação, a felicidade e a realização da criança e adolescente, enquanto ser singular que é.

Não é possível descartar a influência do professor neste processo, já que este acaba por ser obrigado a reproduzir, em sua atuação profissional, o que lhe é exigido pelo sistema, o que o afasta cada vez mais do seu educando. Isso, sem falar na desvalorização profissional sofrida pela classe do magistério, o que exigiria páginas e páginas de reflexão. Segundo Jung (2013, pág. 65), “Desde que o relacionamento pessoal entre a criança e o professor seja bom, pouca importância terá se o método didático corresponde ou não as exigências mais modernas.” Portanto, o principal para educação deveria ser o investimento na relação professor e aluno, o que é sabido, não ocorre.

Sendo a instituição de ensino voltada apenas para o lucro, o que ocorre é que as salas de aula estão lotadas e os professores, muitas vezes necessitam trabalhar em diversas escolas para que possam viver com o mínimo de dignidade. E, embora as escolas privadas muitas vezes possuam tecnologia de ponta, não possuem o principal, a possibilidade de aproximação entre professor e aluno. Já nas instituições públicas, além dessa impossibilidade, muitas vezes ainda são acrescidas pela ausência dos recursos mínimos, para a efetiva realização da aula. Ou seja, o mercado impede que a escola cumpra com o seu objetivo principal que deveria ser o de orientar e possibilitar a expansão do conhecimento do grupo jovem de uma sociedade, através da criação de vínculo com aqueles que os educam.

Recentemente, no dia 24/04/2018 (Em: ESTADÃO, acesso 08/05/2018) uma notícia veiculada pela mídia, deveria levar à reflexão sobre o quanto voltar a educação, apenas para a realização de provas e exames, sem vínculo com o propósito singular de cada educando, vem levando a sintomas graves de adoecimento.



Dois alunos do ensino médio do Colégio Bandeirantes, um dos mais tradicionais e conceituados de São Paulo, suicidaram-se em casa em um intervalo de pouco mais de dez dias. A notícia tomou as redes sociais e assustou pais e estudantes de escolas particulares.

(...)

O Colégio Agostiniano São José, uma instituição católica na zona leste, informou ao Estado que houve um caso de suicídio na semana passada. Um aluno do Vértice, na zona sul, também se matou no ano passado.

A escola, assim como o Bandeirantes, aparece sempre no topo de rankings de notas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e tem altos índices de aprovação nas melhores universidades do Brasil e do exterior.

O Bandeirantes estava em período de provas, quando não há aulas, apenas avaliações para todos os alunos.

A morte de jovens já é algo que choca, sai do ciclo normal da vida e, quando esta vem por opção, desistência da vida, em uma fase em que o indivíduo deveria estar esbanjando vontade de viver, o evento da morte se torna mais surpreendente. Não é possível, portanto, descartar que algo não vem funcionando bem e que os modelos tradicionais de ensino, aliados a expectativas familiares e sociais, que afirmam que o sucesso está em altos desempenhos, competição e ganhos materiais, não atendem mais, se é que algum dia atenderam, ao propósito de uma instituição que se propõe a auxiliar na formação do ser humano e possibilitar a sua independência. De acordo com Jung (2013, pág. 65),

(...) nessa luta pela independência a escola desempenha papel muito importante por ser o primeiro ambiente que a criança encontra fora da família. (...) É muito importante que o professor esteja consciente desse seu papel. Sua tarefa não consiste apenas em meter na cabeça das crianças certa quantidade de ensinamentos, mas também em influir sobre as crianças, em favor de sua personalidade total.

Uma escola que fomenta em seus alunos apenas a necessidade de acumular conteúdos para a realização de uma avaliação em busca de resultados, e transforma esse resultado em objetivo principal da função do educador, certamente acabará por gerar desconforto e adoecimento, pois delegando o vínculo e a reflexão a segundo plano acaba por levar o educando a negar sua essência.

O suicídio de adolescentes se torna assim o ato extremo, a negação da existência como forma de resgate de algo mais, do algo negado em prol do atendimento às expectativas sociais. Apesar da complexidade que envolve o tema e da relevância de se ressaltar aqui que este é um movimento individual, a recorrência não permite mais que seja encarado como caso isolado, mas antes como a busca desesperada desse indivíduo de retomar ao caminho do conhecimento de si mesmo. Pois, apesar de entender o suicídio como um evento interno, individual, não é possível descartar que assim como outros eventos deve ser analisado do ponto de vista externo, pois,

Caso contrário, não poderiam ser feitas generalizações e não poderia haver termos úteis tais como suicídio e morte. Além disso, pode-se argumentar que não se pode entrar verdadeiramente “dentro” de coisa alguma e que sempre haverá uma “brecha” entre o sujeito e o objeto. Sem agrupamentos e classificações externas, cada ato seria único; não poderíamos fazer previsões, acumular qualquer conhecimento, aprender o que quer que seja. (HILLMAN, 1993, p. 54)

Sendo assim, ao analisar o suicídio como sintoma de adoecimento dentro da instituição escolar, leva-se em consideração, aqui, as classificações já existentes sobre o tema e a relevância dessas. Já que este é um símbolo que interfere na dinâmica social dos jovens e que expressa a necessidade de revisão de crenças e valores sociais.

Desta forma, a falta de amparo da instituição para com o adolescente que está em fase de transição e fortalecimento do ego, certamente possibilita o surgimento de angústias, agressividade e ansiedade que aliados ao sentimento de frustração e baixa autoestima facilitam a vivência intensa de impulsos suicidas, sintomas que alertam para a necessidade de reflexão e avaliação das práticas educacionais. Vale ressaltar a fala de Clarke (1993, pág. 27) sobre a teoria junguiana, quando afirma que,

(...) mesmo a pessoa que exhibe as formas mais bizarras e irracionais de comportamento está procurando, de forma muito sensata e compreensível, ainda que inconsciente e muitas vezes dolorosa, um caminho para seu próprio bem-estar.

O jovem ao se ver encurralado entre as expectativas sociais e o seu chamado de realização interior e por ainda não estar com o ego totalmente constituído, adocece e opta, muitas vezes, por medidas extremas, no caso aqui apresentado, o suicídio. Segundo Hillman (1993, p. 43), "(...) é na alma que se deve procurar a justificativa para um suicídio." E, apesar de não ser um símbolo reconhecidamente científico, a alma clama pelo resgate da vida e para isso, se faz a opção pela morte.

A palavra educar tem sua origem no latim, deriva de *educare, educere*, que literalmente significa "direcionar para fora", ou seja, possibilitar o trazer à tona, aquilo que já existe em você, possibilitar a ampliação daquilo que você já é, e não daquilo que você vai ser "quando crescer". Ao negar ao indivíduo a possibilidade de se tornar quem ele é e de seguir o seu caminho rumo ao autoconhecimento, a instituição escolar acaba por se tornar corresponsável pelo aparecimento de sintomas psíquicos que podem, inclusive, levar a atitudes extremas.

### Existe solução?

Após tudo que foi dito, é preciso ressaltar que a aquisição de conhecimento acadêmico também é obrigação da escola e que esse conhecimento, apesar de não ser fundamental para o processo de individuação, pode sim facilitar a ampliação do conhecimento do eu e favorecer um caminho mais suave em direção à realização.

Muito se tem dito sobre a impossibilidade de uma escola que ensine conteúdos acadêmicos e ao mesmo tempo atenda o aluno como um ser individual, que esta é a grande utopia da educação e que esse pensamento atrasa a evolução das práticas educativas. Muitos defendem, inclusive, que em breve não serão mais necessários professores e que a educação se tornará totalmente virtual. É pertinente afirmar que o conhecimento, antes restrito a poucos, hoje está disponível e acessível a uma camada muito maior da população, mas educar não significa apenas conhecer. Como dito anteriormente, educar significa trazer para fora, ou seja, utilizar o conhecimento adquirido para com a sua essência interferir no mundo, e isso só é possível com a interação entre pais e filhos, professores e alunos, indivíduos e sociedade.

Para que estudamos afinal? Para que aprendemos uma gramática padrão? Por que estudar história, filosofia, artes? Para que serve a educação formal, afinal?

Devemos descartá-la, pois ela adoece as crianças e os adolescentes? Não! A educação formal, quando oferecida com responsabilidade amplia a consciência do indivíduo, possibilita a reflexão e conseqüentemente o autoconhecimento, facilitando assim o processo de individuação.

O objetivo do ensino da língua materna, por exemplo, deveria ser o de ampliar a gama de conhecimentos do aluno sobre o seu idioma, sobre a diversidade dos falares e das línguas e sobre a importância de algumas normas, desde que não sejam estáticas, para que seja possível a ampliação da rede de comunicação. Além disso, podem ser analisados e respeitados a diversidade dos falares e apresentada a importância de cada um deles, respeitando assim a história dos antepassados e as heranças deixadas na língua. Essa língua, a norma padrão, não seria ensinada como uma negação do conhecimento trazido pelo aluno, mas sim como ampliação. Além disso, pode ser ensinada resgatando a arte, as obras literárias, no caso do Brasil, os contos indígenas, africanos, europeus, os mitos desses povos. Dessa forma, apesar de no inconsciente existir a desconfiança, entre colonizado e colonizador, o discente e a escola poderiam ressignificar sua história. Para Jung (2015, p. 275), "(...) consciente e inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente, para formar uma totalidade, o *si mesmo (Selbst)*." Que seria a integração de consciente e inconsciente que estariam em constante mudança e adaptação.

Seria relevante considerar também que apesar da grande influência do professor, nunca será o seu conhecimento que será internalizado pelo aluno, será um novo conhecimento, ressignificado, pois, segundo J. J. Clarke (1993, p. 35) "(...) nunca poderei abandonar inteiramente a minha perspectiva e ver o mundo a partir da perspectiva de outra pessoa." Ou seja, o aluno, por mais vinculado que esteja ao professor, criará o seu próprio significado. É pertinente afirmar que, quando a instituição escolar enxerga o educando como um indivíduo que já possui uma história e que aliado a isso tem desejos e curiosidades próprias, ou seja, como um ser integral, tudo irá ocorrer de forma mais tranquila e esse aprendiz poderá ressignificar a sua aprendizagem, trazendo sentido para a sua vida e realização pessoal e intelectual.

Para fazer isso é apenas necessário que o educador observe de onde vem seu aluno, a que comunidade pertence, quem são seus familiares, quais as características também do grupo escolar a que agora pertence. Mas, que esse identificar não seja

realizado através, apenas da escrita, do desenho, do gráfico, de dados, oralmente, que esse primeiro contato seja realizado já levando em consideração que para cada Tipo Psicológico a tarefa deverá ser oferecida de forma a respeitar a individualidade de cada um. Que o tipo pensamento extrovertido apresente texto e gráficos e que o pensamento introvertido os analise e compare com os seus e de outros; que o tipo sentimento extrovertido possa apresentar uma fotografia, um relato e falar sobre os seus sentimentos em relação a isso e, assim sucessivamente. Basta oportunizar a variedade de atividades e os tipos se encaixarão nelas e também poderão exercitar as outras, as desenvolvendo sem inseguranças e cobranças.

Outro ponto relevante a ser pensado é que a interação, e de acordo com Jung (2013), o bom exemplo, são os pontos principais para a educação, pois não será suficiente que bons métodos sejam utilizados e esquecidas as ações daqueles que se propõem a educar. Em um ambiente que prima por classificar, avaliar e induzir à competição como valores principais, somente a ousadia de agir fora desses preceitos poderá conduzir a uma educação de qualidade. Os alunos, já há muito, estão alertando, através dos seus sintomas de adoecimento, que a mudança se faz urgente.

Aqui cabe levantar a questão dos limites e dos conteúdos, estes devem ser ensinados, sim. Não se descarta aqui que esta também é a função da escola e que ela deve garantir ao aluno o direito de adquirir aquilo que foi buscar, portanto,

Como personalidade, tem pois o professor tarefa difícil, porque se não deve exercer a autoridade de modo que subjogue, também precisa apresentar justamente aquela dose de autoridade que compete à pessoa adulta e entendida perante a criança. Tal atitude não pode ser adquirida artificialmente, mesmo com toda a boa vontade, mas somente se realiza de modo natural, à medida que o professor procura simplesmente cumprir seu dever como homem e cidadão. É preciso que ele mesmo seja uma pessoa correta e sadia, o bom exemplo é o melhor método de ensino. (JUNG, 2013, p. 65)

Portanto, apesar de ser importante que a criança e o adolescente estabeleçam vínculos com todos os integrantes do ambiente escolar, a formação do professor e o vínculo estabelecido entre ele e o aluno, será o mais relevante e certamente favorecerá o sucesso neste ambiente.

Muitas vezes, a preocupação das escolas é centrada na preparação com o ambiente físico apropriado para a recepção das crianças e adolescentes, o que é importante, desde que seja levado em consideração as características daqueles que frequentarão e utilizarão esse ambiente. Pois, da mesma forma que uma casa muito arrumada não comporta crianças, uma escola também não. É preciso estar atento para que a instituição não seja transformada em um ambiente cheio de recursos, limpo, frio ou ainda em um ambiente cheio de mensagens visuais que, ao invés de aproximar, afastará o indivíduo que não se sentir parte integrante dessa produção.

As discussões sobre novas metodologias, geralmente, focam na aquisição de conteúdos e descartam a possibilidade de que a verdade do educar, está além dos conteúdos tradicionais. Como já foi afirmado anteriormente, não é descartada, aqui, a importância da natureza determinada e dirigida da consciência como relevante aquisição para a humanidade, já que foi graças a ela que tivemos vários avanços científicos e a possibilidade de formação de profissionais como médicos, engenheiros etc. (Jung, 2013), contudo o problema está na negação, por parte da instituição escolar, da existência de pessoas que tendem para as expressões artísticas já que,

A vantagem de que tais pessoas gozam consiste precisamente na permeabilidade do muro divisório entre a consciência e o inconsciente. Mas para aquelas organizações sociais que exigem justamente regularidade e fidedignidade, estas pessoas excepcionais quase sempre pouco valor representam. (JUNG, 2013, p. 14)

Contudo, isso pode ser solucionado quando o educador tem a sensibilidade de olhar para o aluno que está diante dele e perceber o quanto pode ser rica a troca, e o quanto ele pode influenciar na “cura” de sintomas de adoecimento, vide exemplo apresentado no texto do Anexo I. Neste texto fica fácil evidenciar que, um único olhar mais próximo proporcionou a ampliação da ação pedagógica da professora, diante da aluna, e com isso possibilitou uma simples mudança de estratégia que “curou” sintomas como dificuldades de aprendizagem e tendências suicidas.

No texto anexo, citado acima, apesar de se defender que o importante tenha sido a aluna poder vivenciar uma experiência, de acordo com sua inteligência mais desenvolvida, e não querendo aqui discordar de Gardner (1995), talvez o mais importante esteja além disso, esteja na conexão, no olhar, na disponibilidade da

professora em permitir que viesse à tona a totalidade do indivíduo, especialmente no respeitar a necessidade de expressão simbólica, artística e individual.

O processo criativo, nesse caso a dança, se apresentou como uma forma de tornar mais acessível ao consciente os elementos não facilmente verbalizáveis, um conhecimento visceral e não cognitivo que proporcionou, portanto, a transcendência,

“(…)através da qual, o Si-mesmo procura transcender as barreiras existentes entre a consciência e o inconsciente. Em outras palavras, a psique procura curar a si própria. Essa ideia da cura é, por conseguinte, mais homeopática do que alopática; o semelhante cura o semelhante.” (Hollis apud GUARNIERI, 2018, p. 5)

O que é afirmado aqui, portanto, é que é possível uma escola que trabalhe com o aluno, como o ser integral que é. E o mais importante, isso não depende de novas tecnologias, metodologias avançadas e recursos inovadores, isso depende antes de mais nada do vínculo, do olhar, do estar diante do aluno e o enxergar como o ser humano que é. Como afirmava Jung (Acesso, 20/05/2018) “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.”

## REFERÊNCIAS

ANTONIOLLI, Luciana. *A influência da psique dos pais na psique dos filhos*. IJEP, 2018;

CLARKE, J. J. *Em busca de Jung: indagações históricas e filosóficas*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Ediouro, 1993;

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. São Paulo, Artes Médicas, 1995;

GUARNIERI, Maria Cristina Mariante. *Técnicas Expressivas*. IJEP, 2018

HILLMAN, James. *Suicídio e alma*. Trad. Sonia Maria Caiuby Labate. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1993;

JUNG, Carl Gustav. *A natureza da psique: A dinâmica do inconsciente*. Trad. Matheus Ramalho Rocha. 10 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2013;

\_\_\_\_\_. *Estudos Experimentais*. 2a. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *O eu e o Inconsciente 7/2*. Trad. Dora Ferreira da Silva. 27 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2015;

\_\_\_\_\_. *O desenvolvimento da personalidade 17*. Trad. Frei Valdemar do Amaral; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. 14 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2013;

\_\_\_\_\_. *O problema do mal no nosso tempo*. In: AO ENCONTRO DA SOMBRA: O potencial oculto do lado escuro da natureza humana. Org. Connie Zweig e Jeremiah Abrams. São Paulo, Cultrix, 2008;



\_\_\_\_\_. *Psicologia do Inconsciente 7/1*. Trad. Maria Luiza Appy. 24 ed, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2014;

VON FRANZ, Marie Louse & Hilmann, James. *A Tipologia de Jung: Ensaio sobre psicologia analítica*. 2 ed, São Paulo, Cultrix, 2016;

ZWEIG, Connie & Abrams, Jeremiah. *Introdução: o lado da sombra na vida cotidiana*. In: *AO ENCONTRO DA SOMBRA: O potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. Org. Connie Zweig e Jeremiah Abrams. São Paulo, Cultrix, 2008;

#### **Sites:**

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base/>, Acesso a 16 de abril de 2018;

[https://istoe.com.br/224791\\_A+POLEMICA+DO+DEFICIT+DE+ATENCAO/27/07/12](https://istoe.com.br/224791_A+POLEMICA+DO+DEFICIT+DE+ATENCAO/27/07/12)  
acesso b 16 de abril de 2018;

<https://www.psicologiasdobrasil.com.br/ritalina-a-droga-legal-que-ameaca-o-futuro/> - Acesso c, 16 de abril de 2018;

<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,suicidio-de-estudantes-causa-comocao-nas-redes-sociais-e-reflexoes-em-escolas,70002281261>. Acesso 08 de maio de 2018;

Transtorno do Déficit de Atenção/ Hiperatividade. O que é? Como lidar? Em: Os Desafios de Educar: Lidando com os Problemas na Aprendizagem e no Comportamento. Revista Sinpro-Rio, n. 5, 2010, pp. 35-42. Disponível em: <http://www.institutoabcd.org.br/porta1/wpcontent/> Acesso em: 27 de maio de 2017;

<https://www.pensador.com/frase/NTI0Nzc4/> Acesso em: 20 de maio de 2018.

**ANEXOS**

## ANEXO I

### MOVIMENTANDO-SE PARA APRENDER:

#### Inteligência cinestésica

“Ah, se você pudesse pelo menos dançar tudo que acabou de dizer, quem sabe eu poderia entender.”

– Zorba, O Grego

Nikos Kazantzakis

### A DANÇA DE PAULA

Paula invariavelmente apresentava um atraso de duas ou mais séries em relação às crianças da sua idade em termos das habilidades básicas. Sua autoestima decresceu e, de modo compreensível, sua falta de interesse pela escola aumentou. No final da quinta série, Paula escondia-se debaixo da cama pela manhã para não ter que ir para a escola e, nas férias de verão antes do início da sexta série, tentou o suicídio. Seus pais, conscientes de que era necessário proporcionar-lhe uma experiência bem-sucedida na sexta série, colocaram-na em uma classe regular, com uma professora empática.

Observando a menina nos primeiros dias, a professora percebeu nela uma graça excepcional. Paula movia-se com equilíbrio e dignidade. Alta para a sua idade, ela andava e corria com facilidade, seu longo cabelo acompanhando seus movimentos. Sempre que a professora observava Paula, pensava em uma bailarina e um dia perguntou à menina se ela já havia estudado dança.

Paula explicou que ela realmente havia feito algumas aulas de balé, das quais gostava muito, mas teve que interromper por causa do seu custo. Essa informação fez a professora considerar se Paula aprenderia mais facilmente através do movimento.

Embora a menina estivesse na sexta série, suas habilidades ortográficas aproximavam-se das de um aluno da segunda série. Ela se recusava a ler, a escrever ou a exercitar a ortografia de listas de palavras. Seguindo a sua intuição de que Paula era cinesteticamente talentosa, a professora sugeriu que a menina criasse um alfabeto em movimento, usando seu corpo para formar cada uma das 26 letras. Por exemplo, para demonstrar a letra “T”, Paula podia ficar ereta, com as pernas juntas e os braços estendidos lateralmente. Algumas letras seriam obviamente difíceis, como o “M”, o “B” ou o “W”, mas iriam provocar seu raciocínio e seriam interessantes de lidar. Paula disse que pensaria na sugestão da professora.

No dia seguinte, antes da aula, a garota correu para sua classe para dizer à professora que tinha algo para lhe mostrar. Paula começou sua demonstração, dançando as letras do alfabeto, uma de cada vez, e depois sequenciando as 26 em uma apresentação unificada. O balé, apresentado com confiança e habilidade, foi realizado em total silêncio. Paula estava claramente satisfeita com seus esforços, e a professora estava impressionada. A menina era uma bailarina. A professora perguntou a Paula se poderia dançar o seu primeiro nome. A dança foi realizada sem esforço, e ela acrescentou também seu sobrenome.

Em seguida dançou as palavras que estavam no quadro e, naquela noite, praticou uma lista de palavras em casa e dançou-as para seus colegas no dia seguinte.

Dentro de uma semana, Paula rapidamente passou da dança para a escrita. Primeiro, dançou as palavras, depois as escreveu. Em seguida, dançou frases inteiras. As notas de Paula em ortografia e escrita começaram a se elevar, assim como a sua autoconfiança na aprendizagem.

Após quatro meses, para desapontamento de todos, Paula não dançava mais sua escrita. Simplesmente permanecia sentada e fazia suas tarefas junto com o restante da classe. No final da sexta série, Paula estava escrevendo e lendo no nível da turma.

Quatro meses de aprendizagem cinestésica, de aprendizagem através de uma força inerente, transformaram a experiência escolar de Paula e sua autoimagem. Ela fez a sétima série na escola local, onde, em classes regulares, conseguiu notas acima da média.

In: GARDNER, 1995, p. 76,77